



CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico


PUCPRESS

É CORRETO AFIRMAR QUE EXISTE UMA ESPIRITUALIDADE LGBTQIANP+?

IT IS CORRECT TO SAY THAT THERE IS A LGBTQIANP+ SPIRITUALITY?

Nome Mauro Eduardo Soares de Oliveira ^[a] 

Curitiba, Pr, Brasil, UF, País

Pontifícia Universidade Católica (PUC-PR), Teologia

Nome Dra. Andreia Cristina Serrato ^[b] 

Curitiba, Pr, Brasil, UF, País

Pontifícia Universidade Católica (PUC-PR), Docente, Teologia

Resumo

Este trabalho discorrerá sobre a espiritualidade no seguimento cristão das expressões teológicas de integração entre Teologia Feminista, Teologia do Negro. E com base nestas apresentar uma Teologia do Grupo LGBTQIANP+, contextualizando a realidade desse universo, suas histórias, as discriminações e os seus lugares de fala e a sua relação com o divino. A finalidade foi apresentar, por meio de artigos e documentações acadêmicas, a presença de uma espiritualidade existente e atuante no meio da comunidade LGBTQIANP+. Utilizou-se do método de análise de conteúdo, dentro das Teologias de Gênero e Negra, ocorrendo uma exposição dos conceitos teológicos e o que ressoa na vivência para o grupo LGBTQIANP+. A análise evidenciou vivências e sentimentos adquiridos no chão da realidade, e com isso explicitou que indivíduos LGBTQIANP+, tal qual mulheres ou qualquer membro da humanidade busca essa conexão de respostas e alívios, de vontades e necessidades com esse divino que está sempre pronto a acolher.

Palavras-chave: Teologia Feminista. Teologia do Negro. Teologia Gay. Inclusão. Espiritualidade.

^[a] Acadêmico de Teologia, eduardo.mauro@pucpr.edu.br

^[b] Doutora na área de Teologia Sistemática - é professora do Programa de Pós-graduação em Teologia e da Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Abstract

This work will discuss spirituality in the Christian following of the theological expressions of integration between Feminist Theology and Theology of the black. And based on these, an LGBTQIANP+ Theology, contextualize the reality of this universe, its history, the discriminations, and the places of speech, and finally, the needs of as a person, of its relationship with the divine. The purpose is to present, through articles and academic documentation, the presence of an existing and active spirituality during the LGBTQIANP+ community. The content analysis method was used, within the Theologies of Gender, with an exposition of theological concepts and what resonates in the experience for the LGBTQIANP+ group. The analysis showed reactions to the existence of theologies that are specific to this or that reality, reflections of experiences, feelings and experiences acquired on the ground of reality, due to the differences that human beings make from others. Thus, LGBTQIANP+ individuals, like women, blacks, or any member of humanity, always seek this connection of answers and relief, of wills and needs with this divine that is always ready to welcome.

Keywords: Feminist Theology; Black Theology; LGBTQIANP+ Theology; Inclusion; Spirituality.

Introdução

A comunidade LGBTQIANP+, durante muito tempo, esteve a margem da sociedade e da igreja, tornando necessário a formulação de um esboço de uma Teologia de integração, em conjunto com as Teologia Feminista e Teologia Negra. (WARREN, p. 81, 2021; CONE, 2020, p 55; SANTANA, p. 107, 2021)

Dentro deste caminho é evidenciado que a busca pelo sagrado, conforme Soares Gomes, Farina e Dal Forno (2014, p.109) é uma dimensão existente em todo ser humano, denominada espiritualidade. Uma experiência relacional do ser humano com o divino, de acordo com a sua maneira de ser e pertencer, dos quais não se pode excluir ou dirimir qualquer parcela dos inúmeros agrupamentos que a compõem.

Em contrapartida, o sagrado é diferente, sendo experimentado de forma pessoal ou coletiva. É necessário ressaltar que as escrituras sagradas ao apresentarem a história do povo de Deus descrevem o seu cotidiano, seus costumes e interações com o sagrado, o que pode ser sintetizado como a expressão cultural de espiritualidade.

Todavia, a vivência cristã é muito compartimentalizada, devido às diferenças sociais, culturais e teológicas. A verdade é que a frase do Cristo a “*dureza de vossos corações*” (Mt 19:8) faz acepção de pessoas em contraposição ao Divino (Rom 2:11), se expressando nas ações preconceituosas ao tratar do assunto que delimitam igualdade e inclusão (SCHWARTZ, 2003. p. 114).

Por isso a necessidade de uma Teologia Feminista ou Teologia dos Negros, ou da comunidade LGBTQIANP+, as quais trazem contribuições, revelando contextos que precisam ser repensados (ARAÚJO; SANTOS, p.52).

E nessa trilha da exposição das expressões teológicas de fronteira, faz-se necessário apresentar, por meio de artigos e documentação acadêmica, a presença de uma espiritualidade existente e atuante no meio da comunidade LGBTQIANP+. Dessa forma, apresentar uma Teologia para esse segmento, contextualizando a realidade desse universo, suas histórias, as discriminações e os seus lugares de fala, e pôr fim a realidade, como pessoa, da sua relação com o divino.

1. ESPIRITUALIDADE

A busca pelo sagrado, conforme Soares Gomes, Farina e Dal Forno (2014, p 109) é uma dimensão existente em todo ser humano, denominada de espiritualidade. Ela tem como base as vivências do dia a dia; e as dores e experiências pessoais, gerando formas de relação com esse transcendente e indo ao encontro de alento e paz, e por que não dizer, respostas para questões que incomodam. Nesse direcionamento, não há como pontuar essa ou aquela religião, ou um pensamento místico, nem dar como ênfase, como única qualquer uma delas:

A espiritualidade [...] não é monopólio das religiões, mas uma dimensão do humano. É a nossa capacidade de dialogar com o Eu profundo e de ouvir os apelos do coração. É a consciência que se sente inserida num todo maior e que capta o elo secreto que tudo liga e religa à Fonte primeva de todo ser, chamada Deus. Com ele entretém diálogo de intimidade e de amor. (BOFF *apud* BINGEMER, 2004, p.3)

De acordo com Oliveira e Junges (2012, p.471), a espiritualidade está relacionada com o interior, como o desejo de pertença e fala dessa profundidade do ser, que na busca por resposta transcende essa linha tênue entre a razão e o divino, para se perceber mais inserido no mundo. É toda a essência que vai além do “chão da realidade”.

A espiritualidade pode ser definida como:

[...] uma certa experiência, uma atitude, e por isso não é fácil formular a essência dela. Definir é uma atividade racional e objetiva, e exatamente por isso temos dificuldades quando queremos definir uma experiência subjetiva que, às vezes, é emocional. Para entender o que é espiritualidade teríamos que praticá-la em vez de discursar sobre ela. (DROGGERS, 1993, p. 112),

No diálogo com outros saberes e ciências, há importantes descobertas. Profissionais da psicologia, através da escuta, constataram que a experiência da espiritualidade está entrelaçada na relação com o outro, com o divino, com meio ambiente e muito importante, consigo mesmo (OLIVEIRA E JUNGES, 2012, p. 470).

Segundo a neurociência, o cérebro humano possui um local em suas conexões neurais chamada “ponto de Deus”. Esse local, por sua vez, expressa a capacidade da Inteligência espiritual a que podemos denominar de espiritualidade, presente desde sempre na humanidade. A característica principal dessa inteligência é interligar as expressões da cura ou sentidos de crenças a realidade vivida e experimentada pelo indivíduo (ZOHAR E MARSHALL, 2012, p.35).

A espiritualidade, no ser humano, une todas as dimensões físicas, racionais e emocionais que o envolve. A epifania que se revela nesse momento, requer uma compreensão mais profunda dessa unidade entre humano e divino.

“Nossa sexualidade se estrutura a partir de um corpo, que é a base de nossa relação biológica, psicoafetivas, sociais e cósmicas, incluindo a dimensão espiritual. Na perspectiva teológica, nossos corpos são templos de Deus e destinados à glória da ressurreição. A nossa sexualidade é um canal privilegiado que interliga o amor humano e o amor divino. (LIMA, 2021, p14)”

A espiritualidade, além de conectar o indivíduo ao divino, também o faz com seu entorno, a partir de sua relação com o ressuscitado, conforme Costa (2006), ao citar Mark McIntosh:

A espiritualidade, entendida como transformação e descoberta de si, dá-se sempre no encontro, é uma atividade constantemente provocada e sustentada por um outro que convoca a pessoa a sair de si mesma e penetrar a fundo na aventura da encarnação (p. 325)

Na vivência do cristianismo, a espiritualidade sempre foi algo central e fundamental naquilo que configurou a matriz da Boa Nova levada aos quatro cantos do mundo pelos apóstolos, após sua convivência com Jesus de Nazaré e a experiência luminosa de sua ressurreição. Desde então, o diálogo entre teologia e espiritualidade tem passado por diversas fases de aproximação e distanciamento, que ora exilaram a espiritualidade no terreno das simples devoções, ora a trouxeram de volta para ser campo de reflexão da teologia (COSTA, 2006, p.347)

O Professor André Dooger¹ (1993), coloca a espiritualidade cristã, em aparente conflito de expressão e que na mesma intensidade se complementam; “espiritualidade é sempre um conceito, que frequentemente representa um ideal cristão”, e, “conceito cristão cuja definição quase sempre é formulada em termos teológicos”. Por outro lado, há a observância, desse objetivo almejado através da espiritualidade, o qual também envolve outras religiões.

Por tratar da interação do divino com os reveses do ser humano no “chão da realidade”, esse ser único, criado de forma maravilhosa (Salmo 139) tem nessa experiência a possibilidade de mentalizar e refletir, se conectar com o entorno e expressar suas impressões. Devido a essa relação humanamente divina e divinamente humana, a espiritualidade cristã, por nascer dessa relação do ser humano com esse Deus que decide se encarnar e ser presente na história. A pessoa desse que foi morto, mas ressuscitou, Jesus Cristo, sintetiza toda a narrativa salvífica humanamente divina, fazendo da espiritualidade cristã uma experiência acolhedora e de relatos únicos (AQUINO JR, 2013, p.284).

É necessário, no presente século, em meio a visibilidade das diferenças e das minorias, que a espiritualidade cristã seja discutida e esboçada em teologias que integram essas minorias, e dessa forma traduzem o objetivo de cada segmento. A frase do teólogo Holandês Edward Schillebeeck *“Deus vivo, é um Deus dos homens, um Deus humanismo”* cita por Claude Geffré (2010, p.1) traduz essa conexão com esse divino, que constrói pontes para que todas as parcelas da humanidade, tenham direito de exercer sua inteligência espiritual, lhe seja legitimamente estruturada e embasada.

2. Teologias de Integração

2.1 TEOLOGIA FEMINISTA

A espiritualidade é inerente ao ser humano, e quando o assunto é gênero, a posição do feminismo no decorrer da história, junto ao mundo cristão, é pouco inclusiva, onde há sempre um distanciamento das experiências de epifanias, de intimidade com o divino, e na maioria das vezes um abafamento desses fatos (BINGEMER, p. 26, 2004). O que difere muito em outras matrizes religiosas, sendo a mulher, sempre participativa e com interação, tanto no social quando nos rituais e segmentos de culto.

No judaísmo, um dos pilares de influência do Cristianismo, há associação da mulher aos fatos geradores do pecado, tradicionalmente mencionado em Gênesis, e devido essa analogia, a figura do feminino é sempre subjugada, colocada sempre como coadjuvante ou sem expressão, relegada ao ambiente doméstico, como esposa, como mãe ou como virgem casta em serviço devoto religioso (BINGEMER, 2004, p. 25).

A teóloga americana feminista Rosemary Radford Ruether, pontua a relação da religião cristã com a dominação das mulheres:

¹ Espiritualidade: o problema da definição - André Droogers, Professor de Ciências da Religião, EST – São Leopoldo, 1983

O Deus patriarcal da Bíblia hebraica, definido como um Deus que está fora do mundo material e se defronta com ele na qualidade de seu Criador e Senhor, quando amalgamado com os dualismos filosóficos gregos de espírito e matéria, é visto como o principal mito de identidade do homem ocidental da classe dominante. Ele fez esse Deus à imagem de sua própria aspiração de estar separado e dominar o mundo material, como a terra e os animais ou “recursos” não humanos, e como grupos subjugados de seres humanos (RUETHER, 1996, p. 131).

Os modelos sociais, romanos e gregos, corroboram com essa visão de inferioridade e estigmatização, no contexto cultural, social e econômico (SERRATO E CANDIOTTO, 2022, p. 2). Em decorrência dessa inferiorização imposta, a espiritualidade feminista está indo na contramão dos posicionamentos hierárquicos, se apresenta como integradora, que agrega, que intensifica a presença do Pai no amor, na geração de esperança, na graça, na misericórdia (CUNHA, 2008. P. 101).

Essa prática advinda do Pai, que gera vida, do filho que a manifesta e do Espírito Santo que a viabiliza no chão da realidade, revelando o amor *Ágape*. Essa forma interativa, advém do ressuscitado que sempre amou, sempre agregou, cuidou e serviu, haja visto quando deu exemplo ao lavar os pés, dizendo: “*Porque eu lhes dei o exemplo, para que, como eu fiz, vocês façam também*” (João 13,15) (CUNHA, 2008. P. 102).

A mulher, durante a história, possuía, diante das opções já mencionadas, a de se casar e a vida religiosa (monástica e de clausura). Contudo, na Idade Média elas se posicionaram, em grupos de laicas, que não seguiam as ordens religiosas tradicionais, conhecidas por Beguinhas, ao norte da Europa, ou como franciscanas e dominicanas, ao sul. Essa realidade fomentou o surgimento de teólogas que trouxeram uma divergência de todo contexto masculino de fala da época, expondo uma visão feminina do sagrado e sua interação com ele (SCHWARTZ, 2003, p. 112).

Com suas experiências místicas, elas foram cerceadas e muitas vezes ignoradas por aqueles que detinham sobre si o “direito” a tais manifestações e momentos de epifania. Na maioria das vezes, foram caladas e muitas sofreram exorcismos e até mesmo condenação (BINGEMER, p. 26, 2004)

Nomes como, Tereza de Ávila, Marguerite d'Oingt, Cristine de Pizan e Marguerite Porete, contribuíram para esse momento, desafiando a regra machista e segregatória. Elas ousaram apresentar a espiritualidade de seu ângulo, como mulher, como detentora da experiência e da personalidade. Isso não determina uma expressão militante feminista para a época, por outro lado, não deixa de exibir um posicionamento social e política diferente (SCHWARTZ, p. 113, 2003).

Marguerite Porete desenvolve um processo místico que resiste ao masculino, ao latim e ao escolástico, ao domínio das instituições eclesiásticas, ao sacerdotal e mesmo à faculdade da razão. Por outro lado, ela privilegia o feminino, o vernacular, as qualidades de fé e amor, e o faz se apropriando de papéis masculinos. Talvez possamos de fato entender seu discurso e comportamento como políticos, já que sua voz foi literalmente emudecida por sua condenação e morte na fogueira inquisitória (SCHWARTZ, p. 115, 2003).

No Séc. XX, o eco das experiências das mulheres, como Edith Stein: [...] *inspirada em Agostinho: “Deus é a verdade. Quem procura a verdade está na busca de Deus, queira ou não queira”* (JOSGRILBERG citando EDITH STEIN, 2013, p. 20). E Simone Weil, afirma que:

a alegria e a dor são dons igualmente preciosos, que é preciso saborear, tanto um como outro, integralmente, cada um em sua pureza, sem misturá-los. Pela alegria, a beleza do mundo penetra em nossa alma. Pela dor, ela penetra em nosso corpo” (SERRATO, 2019).

A mulher passou a ser protagonista de uma espiritualidade envolta em suas próprias percepções. Após o Vaticano II, foram ocupando lugar, se posicionando dentro e fora da igreja. Isso foi percebido ao despontarem em locais, e realizarem questionamentos quanto a sua importância. Muitas foram as questões e novas percepções que ficaram evidentes, e que o olhar masculino, não é único. O ângulo feminino da teologia próspera, se faz presente, desbravando o caminho para que outros grupos também fossem capazes de se apresentar diante das discussões. (BINGEMER, 2004, p. 26).

O caminhar das percepções, e as integrações que ainda se fazem necessário, dão a Teologia Feminista uma força e uma vitalidade para continuar buscando se posicionar, não apenas como a sua realidade de alteridade, mas de expressar em sua conformação corpórea e biológica todo o mistério da encarnação.

O pão que partimos e comemos, que professamos ser o corpo de Jesus Cristo, refere-nos ao grande mistério de sua encarnação, morte e ressurreição. É sua pessoa dada em alimento; é sua própria vida feita corporalmente uma fonte de vida para os cristãos. Mas é a mulher que possui em todo o processo de gestação, parturição, proteção e nutrição da nova vida, temos o sacramento da eucaristia, o ato divino por excelência, acontecendo novamente. Talvez esteja aí um rico veio para a renovação da reflexão do horizonte de futuro do caminho ministerial da mulher. (BINGEMER, 2004, p. 30).

E na caminhada da história, as teologias do ser humano, vão se apercebendo no “sentido” existente na espiritualidade vivida, nos Sacramentos, nas místicas e simbolismos. Isto é envolvido pela verdade revelada de que “todos pecaram e carecem da glória de Deus”. Inserido nessa verdade, nesse mistério, o ser humano, sem distinção, é mergulhado pela fé na graça redentora, revelando a pessoa do Cristo. As falências das interações entre grupos, entre membros do “corpo”, entre conceitos humanos, trazem uma mácula, mas revelam também esse amor, edificando e fazendo com que os membros se conectem (WARREN, p. 81, 2021)

2.2 Teologia Negra

Ao citar Fiorenza, Cunha (2008, p. 102) abre-se um novo viés de discussão dentro do tema “Teologia” que é o de raças e culturas:

Uma linguagem de Deus, realmente cristã, deve afirmar a mutualidade, a plenitude, a maturidade e a potencialidade humana, não apenas em termos de gênero, mas igualmente em termos de classe, cultura, raça e religião, se almeja tornar-se católica e universal. A fé cristã, nesse caso, facilitaria a autoafirmação de todo tipo de pessoa escolhida e amada por Deus, que participasse da realidade divina.

Quando falamos de “Raça”, estamos inculcando em um erro de percepção, tal qual menciona Caldera e Artuso (2020, p.7) quando cita o filósofo camaronês Achille Mbembe:

Do ponto de vista natural físico, antropológico ou genético, raça não existe, continua ele: “Raça é uma das matérias-primas com as quais se fabrica a diferença e o excedente, isto é, uma espécie de vida que pode ser desperdiçada ou dispensada sem reservas”

Para ter uma visão panorâmica da razão do porquê uma Espiritualidade Negra, é necessário contextualizar alguns fatos. A Europa, no início do Séc. XVI iniciou sua caminhada como centro do mundo, e com isso sua “*autorização divina*” para dominar e explorar. Assim, surgiu o conceito de moderno/colonizador, onde todo aquele que não correspondia ao mesmo ângulo de cultura, política e religião eram inferiores, podendo ser subjugados. A crença do povo negro, seus valores, sua cultura, foram descaracterizadas e abafadas, dando lugar ao “modo moderno” de ser e crer do Conquistador (BERNARDINO-COSTA; GROSFOGUEL, 2013, v. 31, p. 18).

Durante a idade moderna, a versão do Europeu perdurou sobre os Negros, os Árabes (Cruzadas) e Judeus. As dezenas de conquistados, mortos ou roubados de suas identidades, aos quais não foram dado voz. A escravidão é uma marca que não será esquecida, pois nunca tantos se enriqueceram à custa de tanta injustiça e crueldade. (CASTELLANO, p.168, 2015)

Na colonização, a ação escravagista na América, como um todo, tinha nas Igrejas históricas seu aval, isso podemos ver na quantidade de escravos. Os Anglicanos tinham no Caribe ou mesmo outras advindas dos EUA e Holanda que enriqueceram com esse comércio. A Igreja Católica tinha em documentos papais o aval para “*invadir, capturar e subjugar... e reduzir essas pessoas a escravidão perpétua*”. Diante dessa realidade de massacres e opressão, foram batizados em nome do Divino e da propagação de sua mensagem (BARROS, p. 21, 2020).

No contexto Brasil, quando chegavam aos portos, desnutridos e totalmente degradados de si mesmo, despidos de humanidade, eram marcados em ferro quente e em seguida batizados na Igreja Católica. Era terminantemente proibido expressarem suas crenças ou sua sensibilidade em relação ao “seu” divino, ao seu “crer”. E com o uso da simbologia da religião católica vigente, adaptando aos seus símbolos e rituais, adquiriam uma certa “liberdade” de culto (BARROS, p. 24, 2020)

A realidade da população afrodescendente, ou seja, social, econômica, acadêmica, na saúde, na cultura, nas formas de interação, influenciam diretamente suas concepções de formular uma teologia própria. Assim, ao vermos em suas celebrações danças, comidas, elementos da natureza, é possível visualizar a interação Pai/filho/ES e o entorno que o cercam, uma particularidade única de vivenciar sua espiritualidade, advinda de seus próprios contextos (BARROS, p. 2, 2020).

A falta de liberdade, não mais como antes, presa em grilhões, troncos e chicotes, ainda é uma realidade que se apresenta, de forma brutal e visceral, na vivência do cidadão negro. Cone (2020, p. 273) em seu Livro, “Deus do Oprimido”, faz um relato cruel dessa realidade, onde a violência, a opressão, a desumanização existe, e é imposta. Sendo necessário crescer e aprender mecanismos de sobrevivência e resiliência para se apresentar como cidadão de direito.

É CORRETO AFIRMAR QUE EXISTE UMA ESPIRITUALIDADE LGBTQIANP+?

A Teologia Negra, fala do Deus que está sempre indo em direção ao oprimido. Que efetua a ação de corrigir esse feito, expondo essa ação de justiça que a igreja cristã deveria ter diante dos desajustes causados pela opressão e a desigualdade, onde a teologia é baseada na libertação (CONE, 2020, p 55).

Preciso é, ocorrer uma disposição para o diálogo inter-religioso, onde as culturas e pensamentos são apresentados, e que ocorra uma disposição em agregar o que é valor cultural, social, e acima de tudo, de força, para ser oposição às ações violentas e opressoras vividas por essa parcela de povo. E nesse convívio, quanto mais se conhece o outro, mais o “eu” é aprendido, e seus princípios fortalecidos em amor e acolhida, conforme sintetiza Barros (2020, p. 26):

“Quanto mais procurei compreender e me inserir na cultura e na espiritualidade do Candomblé, mais me descobri cristão. Em uma visão pluralista da fé, cremos que Deus se revela nas mais diversas formas. Por isso, a espiritualidade pluralista cristã sempre se pergunta o que Deus quer revelar a nós, cristãos, não apenas através da Bíblia, como sempre pensamos, mas também através das tradições, mitos e histórias das diversas religiões afrodescendentes”.

A espiritualidade na comunidade Negra, mesmo sendo constantemente ignorada tanto social quanto religiosamente, é latente e formatada de modo único, e se impõe fortemente, com singeleza e persistência. Na história social e política, o povo negro, foi subtraído de suas verdades e de seu modo de ser, e isso na maioria das vezes, como já visto, balizado pelas instruções cristãs, que se utilizaram das entrelinhas das escrituras, para dar respaldo a suas atitudes de conquistadores cruéis. Nessa linha, mas no viés contrário, as militâncias e grupos de apoio, tem buscado incentivar a esse povo a “se perceber” como ser humano e participante, dando vasão a sua forma de relação com o sagrado, conforme a sua escolha, conforme a sua cultura (OLIVEIRA, 2017, p. 5). Serem indivíduos que expressam sua crença, sua alegria, sua força, de forma única e pessoal, não mais realizando isso com vergonha ou medo.

2.3 Teologia LGBTQIANP+

A sigla LBTQIANP+, configura a junção dos diversos grupos de pessoas da comunidade, a qual surgiu, segundo a história, em meados da década de 90, substituindo a antiga GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), considerada pouco inclusiva (DORNELLES, p.1, 2023).

A tabela 01, de acordo com Dornelles (2023, p.1), traz as designações e explicações de cada letra da sigla:

LETRAS	SIGNIFICADO			
	Biológico	Gênero	Sexualidade ²	síntese
L	Mulher	Feminino	Lésbica	Relaciona-se com o mesmo Gênero
G	Homem	Masculino	Gay	Relaciona-se com o mesmo Gênero
B	Homem/	Masculino/	Bissexual	Relaciona-se com ambos os Gêneros

² Conjunto de fenômenos da vida sexual; Exaltação ou recrudescimento do instinto sexual. Expressão do instinto sexual; atividade sexual.

É CORRETO AFIRMAR QUE EXISTE UMA ESPIRITUALIDADE LGBTQIAPN+?

	Mulher	Feminino		
T	Homem/ Mulher	Masculino/ Feminino	Transexuais/ travestis	Não há identificação como o sexo de nascimento
Q	Homem/ Mulher	Masculino/ Feminino	Queer	Não se limitam a gênero ou a orientação sexual
I	Homem/ Mulher	Masculino/ Feminino	Intersexo	Substitui a palavra “hermafrodita”, biologicamente possui os dois sexos ³
A	Homem/ Mulher	Masculino/ Feminino	Assexual	Não possuem atração sexual, e não se enquadra em falta de libido
P	Homem/ Mulher	Masculino/ Feminino	Pansexual	Se relacionam com todos ⁴ os gêneros
N	Homem/ Mulhe	Masculino/ Feminino	Não-binário	Não se identifica com os gêneros masculinos ou femininos
+	-	-	-	Outras orientações sexuais ou identidade de gêneros.

Tabela 1 - Designação das letras da Sigla LGBTQIAPN+ (DORNELLES, 2023)

Essa diversidade é representada pelas diferenças nos grupos, tendo alguns critérios para essa indicação: sexo biológico (características físicas) - homem, mulher e intersexo; na compreensão de identidade de gênero (psicossocial), como se identificam – feminino, masculino, não-binário, etc. E por fim, com quem se relaciona (sexualidade) - gay, lésbicas, bissexual, etc. (DORNELLES, p. 1, 2023).

As diferenças existentes, no contexto LGBTQIAPN+, revelam o quão necessário é, conforme Natividade (2010), trazer à tona as discriminações existentes contra a Mulher e contra o Negro, fazendo com que as Teologias de Fronteira, associadas a políticas públicas, sociais e econômicas fossem ocupando seu espaço. Dessa forma, a População LGBTQIAPN+, em todas as suas distinções, foi saindo do ostracismo, dos guetos e somando-se as vozes dos fronteiriços:

A emergência de discursos e grupos que discutem as relações entre religiões cristãs e homossexualidade só pode ser entendida dentro de condições sócio-históricas específicas. No Brasil, transformações sociais insufladas pela atuação e pela organização política dos movimentos homossexuais se intensificam desde a década de 1990, relacionadas aos direitos civis, à reivindicação da despatologização, à luta contra a violência e a discriminação[...]. É nesse cenário que despontam questionamentos sobre a inclusão de gays e lésbicas em espaços religiosos, proferidos por atores sociais ligados aos movimentos ativistas. Em termos sociológicos, é possível inferir, por um lado, que tal demanda surge ligada ao crescente reconhecimento e à progressiva legitimação das ditas minorias sexuais na esfera pública (NATIVIDADE, 2010).

Para uma contextualização histórica, é necessário trazer os movimentos sociais, que ocorreram principalmente na América do Norte no início dos anos 60, onde negros, mulheres e homossexuais, bem como outras parcelas sociais com necessidade de voz, “gritaram” suas vivências, sofrimentos e necessidades. Assim, em meio a todas essas conturbadas ocorrências históricas, a espiritualidade, mais propriamente a necessidade de pertença, de ocupar seu espaço, que a comunidade LGBTQIAPN+ passou a se posicionar (DIAS, 2022, p. 108).

³ Na medicina, esse termo é usado apenas para seres não humanos. (LGBTQIAPN+: entenda a relevância e o significado do aumento da sigla (correioabraziliense.com.br)

⁴ Conforme os gêneros mencionados na tabela.

No ano de 1968, pelas mãos do Pastor Pentecostal Troy Perry, na cidade de Los Angeles, inaugura a primeira Igreja Inclusiva, voltada para o público gay. Concomitantemente, ocorreram diversos protestos, em prol da aceitação e da existência da comunidade LGBT (DIAS, 2022, p. 113).

Um dos atos mais famosos, ocorreu em Stonewall/NY, um bar de “pessoas desviantes”, que era constantemente invadido por policiais, passou a reagir, e se posicionar contra essas violências. Essas reações iniciaram em junho de 1969, e perduraram por várias semanas; sendo a primeira, mais evidentes, de muitas outras que seguiram ocorrendo (DIAS, 2022. P 112).

A luta pelo direito social e político de existir e de ser respeitado, faz do indivíduo LGBTQIANP+, um insistente em embates, o que está bem evidente nas diversas estâncias de viver, inclusive, no de ter direito a espiritualidade, onde a negação é por demais pautada em desinformação, erros de hermenêuticas dos textos sagrados (SANTANA, p. 107, 2021).

Na maioria das correntes cristãs evangélicas pentecostais e neopentecostais, muita contraposição ocorre movida pelo fundamentalismo. Os conteúdos bíblicos, baseados em percepções, os quais amparam os conceitos de contrariedade é que na maioria das vezes moldam uma percepção distorcida do que se pode definir como “normal” (SANTANA, p. 107, 2021).

Para o indivíduo homoafetivo, na sua vivência social e familiar, a espiritualidade se desenvolve, de forma bem genérica, em etapas: o da aceitação de si e de sua realidade como pessoa homossexual. A culpa, a condenação, não parte apenas do externo, mas ocorre na mente e em todas as ideologias incutidas (ESTRÁZULAS; DE MORAES, 2019).

Esse conhecer-se é importante porque, para que haja um processo de integração, é preciso enxergar a verdade sobre quem se é, responsabilizando-se pela própria vida, na qual o sujeito é o principal agente na tarefa de ordenar o que estava desordenado.

Outro momento é seguido pela aceitação do modo de vivência, onde muitos aderem às estratégias para terem sua espiritualidade e sua sexualidade em certa harmonia. Alguns fazem seleção de ambientes, onde buscam se adequar. Por outro lado, há outros que buscam apoio na comunidade e nos círculos de amigos. Nesses grupos abre-se o participar de igrejas inclusivas, onde o discurso heteronormativo da misericórdia e da graça de Deus é amenizado, e posto como o Deus que não faz acepção (ESTRÁZULAS; DE MORAIS, 2019).

E na continuidade dessa caminhada, alguns percebem que estão debaixo da graça que cobre a todos, baseado na palavra “vinde a mim todos os que estão cansados”, na palavra de que “aquele que vier a mim de maneira alguma lançarei fora” e que perceber que sempre haverá diferenças, sempre haverá crises, mas a sua experiência com o transcendente é única e pessoal. (ESTRÁZULAS; DE MORAIS, 2019).

No âmbito católico, a moral religiosa sempre foi algo passivo de estudos e poucas aberturas, e um distanciamento do cotidiano humano, de suas rotinas. E quanto mais afastada, mais distorcida e errônea era essa vivência de sexualidade e fé. Pois a mensagem salvífica do Reino do amor, do Deus do amor, dá suporte e consolida uma moral, uma sexualidade verdadeira que gera liberdade ao humano. (VIDAL, 2003, p.27).

Nessa linha de pensamento, Vidal (2003, p. 32) afirma, citando a norma de Santo Irineu, que “a glória de Deus é a vida do homem”, dando suporte na atualidade, às declarações do Papa Francisco que convergem

para um acolhimento respeitoso: “Se uma pessoa é gay, busca a Deus e tem boa vontade, que sou eu para julgá-la?” (FURTADO, 2016, apud MAISSONAVE, 2013). No entanto, essas visões ainda estão sujeitas à ala conservadora da Igreja. Contudo, o Papa constantemente emite suas considerações ou opiniões a respeito, como o que ele menciona na Carta Encíclica *Laudato Si*:

Aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessário para acolher e aceitar o mundo inteiro como um dom do pai e como casa comum: já é uma lógica de domínio sobre o próprio corpo, se torna uma lógica às vezes muito sutil de dominação sobre a criação. E conclui: não é sadia uma atitude que pretende apagar as diferenças sexuais por não saber mais, lidar com elas (LS 155).

Não importa qual seja a ação realizada pelo Papa, mas sim o seu desejo de que a Igreja Católica Romana, esteja apta a acolher a todas as pessoas, sem exclusão. Ao se abrir para as questões sociais, políticas e ambientais, ele dá passos em direção aos excluídos. Ele tem incentivado pastorais a realizarem essa missão de inclusão e que façam ter importância as variadas necessidades desses que buscam acolhimento. (FURTADO, p. 677, 2021).

O acolhimento do Papa é para com todos, e não apenas uma parcela dos que “merecem” a graça de serem chamados filhos, e recentemente na Jornada Mundial da Juventude Católica, em Lisboa/Portugal, 2023 ele ratifica isso:

Que a Igreja não seja uma alfândega para selecionar quem entra e quem não entra. Todos, cada um com a sua vida às costas, com os seus pecados, assim como é diante de Deus, como é diante da vida... Todos. Todos. Não levantemos alfândegas na Igreja. Todos.

Papa Francisco, coloca na esfera de ação, as palavras do Teólogo Luiz Correa de Lima, quando diz: “Da ética de Jesus ninguém pode ser expurgado em nome de leis e teorias ou de teologias. Onipresença do amor é um imperativo ético inegociável que renega toda a forma de exclusão e segregação” (1998). Não há espaço para distância e a indiferença, quando a Igreja é a detentora da ação do redentor da humanidade na terra.

E diante da realidade de ser pessoa, de ser humano, de ser homem e de ser mulher, é na vivência que traz essa percepção do quanto a espiritualidade é importante. O desejo dessa relação mística com o sagrado, independente de sexualidade, se tornando uma verdadeira necessidade para continuar lutando e se posicionando (ESTRÁZULAS; DE MORAIS, 2019).

Na caminhada de percepção de si, o indivíduo LGBTQIANP+, é levado a tomar ciência do seu lugar na sociedade, na cultura, na política e mais do que intensa, na sua espiritualidade. Dessa forma, a passos lentos, mas constantes, indo contra as máximas conservadoras e preconceituosas de grupos que acreditam ser detentores da “verdade única” (SANTANA, p. 107, 2021); (KELMER, 2007).

A espiritualidade, como mencionado, é inerente ao ser humano, e não está atrelado a essa ou aquela expressão de fé. Assim, a igreja, independente de suas vertentes, não tem mais como deixar de discutir, rever e reconstruir conceitos que afastam os LGBTQIANP+ de seu meio. Os debates, não são apenas de aceitação, mas também de engajamento e participação ativa nas atividades da igreja e sua mensagem de Boas Novas (FURTADO, p. 677, 2021); (KELMER, 2007).

Os indivíduos, sejam LGBTQIANP+, heterossexuais, brancos, negros, homens, mulheres, estão totalmente inseridos nessa verdade de ser humano que é de viver, de crer, de ter e desenvolver suas experiências com o sagrado. Dessa forma, a espiritualidade não necessita de títulos para ser exercitada, mas devido à humanidade em si, faz-se necessário existir teologias que defendam e contextualizem em cada um dos segmentos. (BINGEMER, p. 7, 8, 2004); (SOARES, FARINA E DAL, FORNO, 2014 p.109).

Conclusão

A espiritualidade é uma construção pessoal manifestada em coletividade. Em cada texto lido, um caminho novo se abre, como uma paisagem única e, ao mesmo tempo, universal. A história do ser humano, revela esses detalhes, quando surgem necessidades de grupos. Estes desejam apenas expor que existem diante de segregações impostas pelo viés social, cultural ou eclesial. E esse “estar ou existir”, apresenta-se no sagrado, na mística, revelando as vivências, os sentimentos e as experiências adquiridas no chão da realidade. Essa relação do ser humano consigo mesmo transcende e chega no divino, onde essa interação, a qual chamamos espiritualidade, acontece.

A literatura, seja sagrada ou secular, revela a ação de Deus. Ele não se conteve: entrou na história, encarnou-se, quebrou paradigmas, conversou com os pobres e necessitados, tocou nos doentes, falou com as minorias e estabeleceu o “reino dos céus” na terra. A igreja aprende, compreende, constrói, desconstrói e refaz-se. Assim, percebe-se que a mensagem não pode ser contida, e a promessa de Abraão “a todas as nações”, assim como a de Cristo, que diz “não lançaria fora aquele que a Ele for”, é mais do que adequada para o nosso momento presente.

Por outro lado, a humanidade fez questão de não ser una, indo contrário a sensibilidade, a individualidade. Ela busca massificar, colocar tudo em regras de “igualdades”, onde as diferenças são pontuadas como inferior, abaixo do padrão, determinado por um grupo que detém as regras, as condutas e as formas de “normalidade”.

Assim, há um “certo” para gênero, para “raça”, “cor” padrão social e orientação sexual. Com leitura clara de conduta, onde são negados ou cerceados seus direitos no social, no político e na sua forma ou expressão religiosa. Seguindo essa ideia, indivíduos LGBTQIANP+, tal qual mulheres, negros ou qualquer membro da humanidade, buscam conexão com o divino, desejando respostas e alívios, de vontades e necessidades com este, que está sempre pronto a acolher.

A espiritualidade é algo intrínseco ao ser humano, vemos as mulheres na história, ocupando espaços e revelando um ângulo feminista de ação e interação com o divino. Das mesmas formas, as expressões culturais, sociais e espirituais dos negros, conseguindo vencer a opressão e o preconceito a respeito de suas verdades e conceitos, e dando vazão a sua essência e sua forma de cultivar.

E nesse caminhar, a parcela LGBTQIANP+, se percebe em uma divergência de pensamentos, onde são colocados como não possuidores de estar em comunhão com o sagrado, tendo em si, a necessidade de sua espiritualidade. Não há como deixar de observar a sinceridade e a perseverança, bem como a esperança para expressar essa relação divinamente humana e humanamente divina.

O indivíduo homoafetivo está sempre disposto a superar barreiras e fazer valer a “não aceção de pessoas” e mais, a posição de igualdade e pertença que se encontra no texto de Colossenses 3:11: “*Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus*”.

É CORRETO AFIRMAR QUE EXISTE UMA ESPIRITUALIDADE LGBTQIANP+?

O chamado para ser Igreja e corpo de Cristo, é para todos. Fomos chamados para ser uma unidade, onde a regra máxima é o amor, a cordialidade e o acolhimento. A espiritualidade é uma expressão clara de humanidade, a qual traz a todos, como já mencionado pelo Papa Francisco, todos os direitos de sentir-se participante da comunhão e interação com a Trindade, que, por sinal, é o grande exemplo de comunhão e integração.

Referências

AQUINO JR, Francisco de. A Problemática da Antropologia Teológica. **Atualidades Teológicas**, Rio de Janeiro - RJ, ano XVII, n. 44, p. 274-291, maio/agos 2013

ARAÚJO, Jurandir de Almeida; SANTOS, Deyse Luciano de Jesus. RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: O POSICIONAMENTO DAS IGREJAS CRISTÃS PROTESTANTES EM RELAÇÃO ÀS QUESTÕES DOS NEGROS NO BRASIL. **INTERthesis**: Revista Internacional Interdisciplinar - UFSC, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 50-68, setembro/dezembro 2017.

BARROS, Marcelo. IDENTIDADE DECOLONIAL E DIÁSPORA: MOSAICOS PARA A CONSTRUÇÃO DE TEOLOGIAS E ESPIRITUALIDADES AFROLATÍNDIAS-CRISTÃS. **Revista identidade**, São Leopoldo, ano 3, v. 25, ed. 2, p. 27-41, jul/dez 2020.

BERNARDINO-COSTA , Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado** : Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, Jan./Abr. 2013.

BÍBLIA SAGRADA - VERSÃO ON LINE - [João 10; I Corintios 6,17; Romanos 8:11 - NVT - Nova Versão Transformadora - Bíblia Online \(bibliaonline.com.br\)](#) . visualizada em 08/06/2023

BINGEMER, Maria Clara. TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: UMA LEITURA TEOLÓGICO-ESPIRITUAL A PARTIR DA REALIDADE DO MOVIMENTO ECOLÓGICO E FEMINISTA. **Cadernos Teologia Pública**, Unisinos, São Leopoldo/RS, ano 1, n. 2, p. 1-30, 2004

COSTA, Alfredo Sampaio. TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: Em busca de uma colaboração recíproca. **Perspectivas Teológicas**, São Paulo, v. 38, p. 323-348, 2006.

CONE, James Hal. *Teologia Negra*. São Paulo: Recriar, 2020.

CONE, James Hal. *Deus dos oprimidos*. São Paulo: Recriar, 2020

CUNHA, Elenira Aparecida. ESPIRITUALIDADE FEMINISTA E A VIDA DA MULHER: ESCOLHE, POIS, A VIDA! (DT 30,19). **Encontros Teológicos**, [s. l.], ano 23, n. 49, ed. 1, p. 97-110, 2008.

DIAS, Tainah Biela. “O Senhor é meu pastor e ele sabe que sou gay”: contextualizando o surgimento de alternativas religiosas lgbti+ e das igrejas da comunidade metropolitana (icms). **Mandrágora**, v.28, n. 1, 2022, p. 1-5-133, Campinas/SP, v. 28, ed. 1, p. 105-133, 2022.

DORNELAS, Helena. **LGBTQIANP+**: entenda a relevância e o significado do aumento da sigla. Correio Braziliense, 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/06/5105309-entenda-o-significado-de-qiapn-novas-letras-da-sigla-lgbt.html>. Acesso em: 20 set. 2023.

DROOGERS, André. ESPIRITUALIDADE: O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO. **Estudos Teológicos**: Programa de Pós-graduação em Teologia, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 111-128, 1983.

ESTRÁZULAS, Mattos Dourado de Mesquita; DE MORAIS, Normanda Araújo. A Experiência Religiosa/Espiritual de Lésbicas, Gays e Bissexuais: Uma Revisão Integrativa de Literatura. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Fortaleza/CE, ano 3, v. 35, p. 1 - 10, 2019.

FURTADO, Maria Cristina Silva. Papa Francisco e as pessoas lgbtqi+: mudança e perspectivas. **Revista Horizontes**, Belo Horizonte - MG, v. 19, ed. 59, p. 675-702, maio/ agosto 2021.

GEFFRÉ, Claude. **Edward Schillebeeckx, um teólogo para hoje**. Versão 1.3.9. 4. ed. Jornal Il Gallo, 13 maio 2010. A tradução é de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/?id=570375:edward-schillebeeckx-um-teologo-para-hoje>. Acesso em: 19 jun. 2023.

HELMINIAK, Daniel A. **O que a bíblia realmente diz: sobre a homossexualidade**. 1. ed. São Paulo: EDIÇÕES GLS, 1998. 143 p. v. 1. ISBN 978-85-86755-07-1.

IGREJA CATÓLICA. (Papa 2015: Francisco) **CARTA ENCÍCLICA LAUDATO SI**. Sobre o cuidado da Casa Comum. 24 de maio de 2015 disponível: [Laudato si' \(24 de maio de 2015\) | Francisco \(vatican.va\)](#). Visualizado no dia 08 de junho de 2023.

JOSGRILBERG, Rui . Vivência filosófica e espiritualidade cristã em Edith Stein: Em memória dos 70 anos decorridos desde sua execução pelos nazistas. **Notandum**: set-dez 2013, Porto, n. 33, p. 13-22, set/dez 2013.

KELMER, Ricardo. **Diversidade Sexual**. Planeta, 2007. Disponível em: <https://revistaplaneta.com.br/diversidade-sexual/>. Acesso em: 20 set. 2023.

LIMA, Luiz Correia. **Teologia e os LGBT+**: Perspectiva histórica e desafios contemporâneos. 1. ed. Petrópolis/RJ: VOZES, 2021. 200 p. v. 1. ISBN 978-65-573-269-2 - edição digital.

MONDONI, Danilo. **TEOLOGIA DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Pag 14, Cap 1. ISBN 8515020726

OLIVEIRA, M. R. DE .; JUNGES, J. R.. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 17, n. 3, p. 469–476, set. 2012.

RICOEUR, P. Sobre a tradução. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SANTANA, Luciano Santos. CRISTIANISMO GAY: A TEOLOGIA QUEER E SEUS REFLEXOS NA PRÁXIS DA COMUNIDADE CRISTÃ INCLUSIVA DE SALVADOR. **Revista Periódicus**, Salvador/Ba, v. 1, ed. 14, p. 105-123, nov/2020 a abr/ 2021.

SCHWARTZ, Sílvia. MARGUERITE PORETE: MÍSTICAL APOFATISMO E TRADIÇÃO DE RESISTÊNCIA. **Numen** : Revista de estudos e pesquisa religiosa, Juiz de Fora, ano 11, v. 6, ed. 2, p. 109-126, 2003.

SOARES GOMES, Nilvete; FARINA, Marianne; DAL FORNO, Cristiano. ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E RELIGIÃO: REFLEXÃO DE CONCEITOS EM ARTIGOS PSICOLÓGICOS. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, ano 2, v. 6, p. 107-112, 2014.

VIDAL, Marciano. **Nova Moral Fundamental**: O lar teológico da ética.. 1. ed. Aparecida /SP: Paulinas, 2003. 912 p. v. 1. ISBN 85-72000-856-x.

WARREN, Tish. **Liturgia do Ordinário**: práticas sagradas da vida cotidiana. Tradução: de Guilherme Cordeiro Pires. 2. ed. Rio de Janeiro - RJ: Pilgrim serviços e Aplicações, 2021. 224 p. ISBN 978-65-56891-65-1.

ZOHAR, D., & MARSHALL, I. (2012). *QS: INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Viva Livros.

ZWETSCH, Roberto E. PERSPECTIVAS DE DIÁLOGO ENTRE FÉ INDÍGENA E FÉ CRISTÃ. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo/RS, v. 36, n. 1, p. 45-60, 1996.
